

Governo trabalha em silêncio

O preço de um "sim" poderia ser muito alto. Por isso, o governo optou por jogar com a dúvida, pegando a oposição de surpresa.

Ao negociar com os deputados mais flexíveis, a bancada governista investiu nas abstenções (votos em branco). Graças à votação secreta, conseguiu duas e ganhou a parada.

"A oposição não contava que a gente fosse trabalhar com a abstenção", comentou a deputada Lúcia Carvalho (PT), líder do governo na Câmara.

Lúcia e o presidente da casa, Geraldo Magela (PT), investiram na conquista de Odilon Aires (PMDB), Renato Rainha (PL), Adão Xavier (PFL) e Daniel Marques (PP).

Em outra frente, Maria José Maninha (PT) e Rodrigo Rollemberg (PSB) cercaram o amigo da CPI da Grilagem, João de Deus (PDT). Alguns garantem que as duas frentes tiveram êxito.

Amizade - Maninha e Rollemberg foram à casa de João de Deus na véspera da votação e só saíram

depois de quatro horas de conversa. Não descuidaram da cria nem mesmo durante a sessão.

Quando João de Deus anunciou na tribuna que "não trairia a amizade com José Edmar", Maninha questionou: "E a minha amizade, você vai trair?"

Enquanto isso, Rodrigo acionava o celular para colocar o governador Cristovam Buarque em linha direta com João de Deus. Foram cinco minutos de conversa.

Lúcia Carvalho defende seu peixe. "Estou segura de que as duas abstenções foram dos dois deputados que eu e Magela mais trabalhamos", disse, sem revelar nomes.

A deputada, que coordenou as negociações, disse que conseguiu alguns "sins", mas abriu mão "porque as barganhas eram absurdas".

Mas Lúcia não nega que tenham havido acordos. "Houve uma espécie de troca", diz.

A deputada federal e presidente do PT-DF, Maria Laura, também participou das negociações.



Meio sem jeito, Estevão permitiu que João de Deus colocasse na sua cabeça boné com propaganda de Cristovam

Deputados trocam insultos

A batalha ainda não havia começado e os ânimos na galeria da Câmara Legislativa já estavam acirrados.

De um lado, professores, ambientalistas e intelectuais contrários à criação da Cidade Estrutural se limitavam a aplaudir os parlamentares aliados.

No lado oposto, mulheres, homens e crianças torcendo pela aprovação de uma cidade que iria lhes abrigar.

De repente, um incidente. O deputado Luiz Estevão (PP) se aproximou do vidro que divide o plenário e a galeria. O ambientalista Rosalvo de Oliveira Júnior lhe ofereceu uma nota de R\$ 1,00.

Irado, Estevão respondeu com um gesto obscuro. Apontou o dedo médio em riste para o ambientalista.

Pouco - "Ele deve ter ficado com raiva porque era apenas R\$ 1,00

e o preço dele é alto", provocou Rosalvo Júnior.

Logo depois, o deputado Antonio Cafu (PT) pegou o microfone e apontou para a oposição: "Está rolando muita grana para derrubar o veto. Tem gente com o rabo preso".

Luiz Estevão não se conteve e revidou com xingamentos.

Atônito, Geraldo Magela, presidente da Câmara, pediu que o pronunciamento fosse retirado das notas taquigráficas.

Cafu, sentado e cabisbaixo, ainda ouviu uma seqüência de palavras despejadas, aos berros, pelo autor do projeto, José Edmar (PSDB).

Edmar só não agrediu Cafu porque a turma do deixa-disso entrou em ação, arrastando-o para outro canto do plenário.

Edmar assegura que PT feriu ética

O deputado José Edmar (PSDB), autor do projeto que criaria a Cidade Estrutural, lamentou a derrota de ontem atacando o governo.

"A polêmica da votação mostrou a outra face do governo petista", declarou, em nota oficial, o parlamentar tucano, cujo partido ajudou a eleger Cristovam Buarque.

"O PT usou as armas que sempre condenou, ferindo a ética que ainda resiste em alguns segmentos internos. Trocou voto por benefícios e condenou a prática do voto aberto", disparou.

Edmar acredita que "será difícil o PT explicar a seus eleitores que é necessário usar as armas do que

chama de direita para conseguir seus objetivos".

Edmar sinalizou com a possibilidade de reapresentar o projeto, com nova roupagem, no ano que vem.

Calmo - Bem mais contido que durante a votação, o líder do PP, Luiz Estevão, disse ontem à tarde ter sido surpreendido pelas abstenções e estar "bastante decepcionado com o resultado da votação".

Estevão, no entanto, negou que a existência de dois "traidores" possa dividir a oposição.

"Nem todos os que aprovaram a Estrutural, na primeira votação, são da bancada oposicionista", constatou.

"Não há traidor no PP, por isso,

quem está em dificuldades não somos nós, mas os que estão sob suspeição, porque o eleitor é muito impiedoso com aqueles que traem a comunidade", completou.

O deputado apontou dois "desafios" que o governo deverá enfrentar depois da vitória de ontem.

"O primeiro é retirar as pessoas do Lixão sem violência, oferecendo uma solução de dignidade para o problema", afirmou.

O segundo desafio do governo, segundo ele, é "explicar à sociedade porque pretende praticamente doar aquela área aos empresários, vendendo por 20% do valor de mercado com pagamento a partir do ano 2001".

Abstenção põe cinco sob suspeita

Quem foram os traidores da oposição? Essa foi a pergunta mais feita, ontem, nos gabinetes, corredores e jardins da Câmara depois da vitória do governo.

As possibilidades são: João de Deus (PDT), Adão Xavier (PFL), Renato Rainha (PL), Odilon Aires (PMDB) e Daniel Marques (PP).

Entre os que mantiveram negociações sobre o assunto nos últimos 15 dias com a bancada governista, alguns tinham motivos extras para abandonar a Estrutural.

"Adão Xavier, por exemplo, foi muito pressionado pelos seus colegas de partido e alguns grandes empresários da cidade", garantiu um parlamentar governista.

João de Deus tinha pelo menos um bom motivo: o governador atendeu recentemente a um pedido seu, anistiando os policiais militares expulsos da corporação.

Outro seria o puxão de orelha que recebeu de Cristovam depois de anunciar o voto à Estrutural. "Não estou cobrando nada, mas espero lealdade dos deputados da frente governista", espetou o governador.

Renato Rainha, segundo uma fonte da bancada petista, chegou a propor, em vão, que todos os moradores do Lixão inscritos na antiga Shis fossem atendidos, em troca de seu voto pela manutenção do veto.

Odilon Aires (PMDB) recebeu forte pressão das lideranças comunitárias de sua base eleitoral, o Cruzeiro, que se manifestou contrária à criação da Estrutural.

Quanto a Daniel Marques (PP), César Lacerda (PRN) jura que o petista lhe confidenciou que preferia votar contra, mas não poderia contrariar o líder Luiz Estevão.

"Preferia que o local fosse destinado para reserva ecológica", admitiu Marques. "Mas o governo não tem política habitacional", ponderou.